

# TV PROGRAMAS

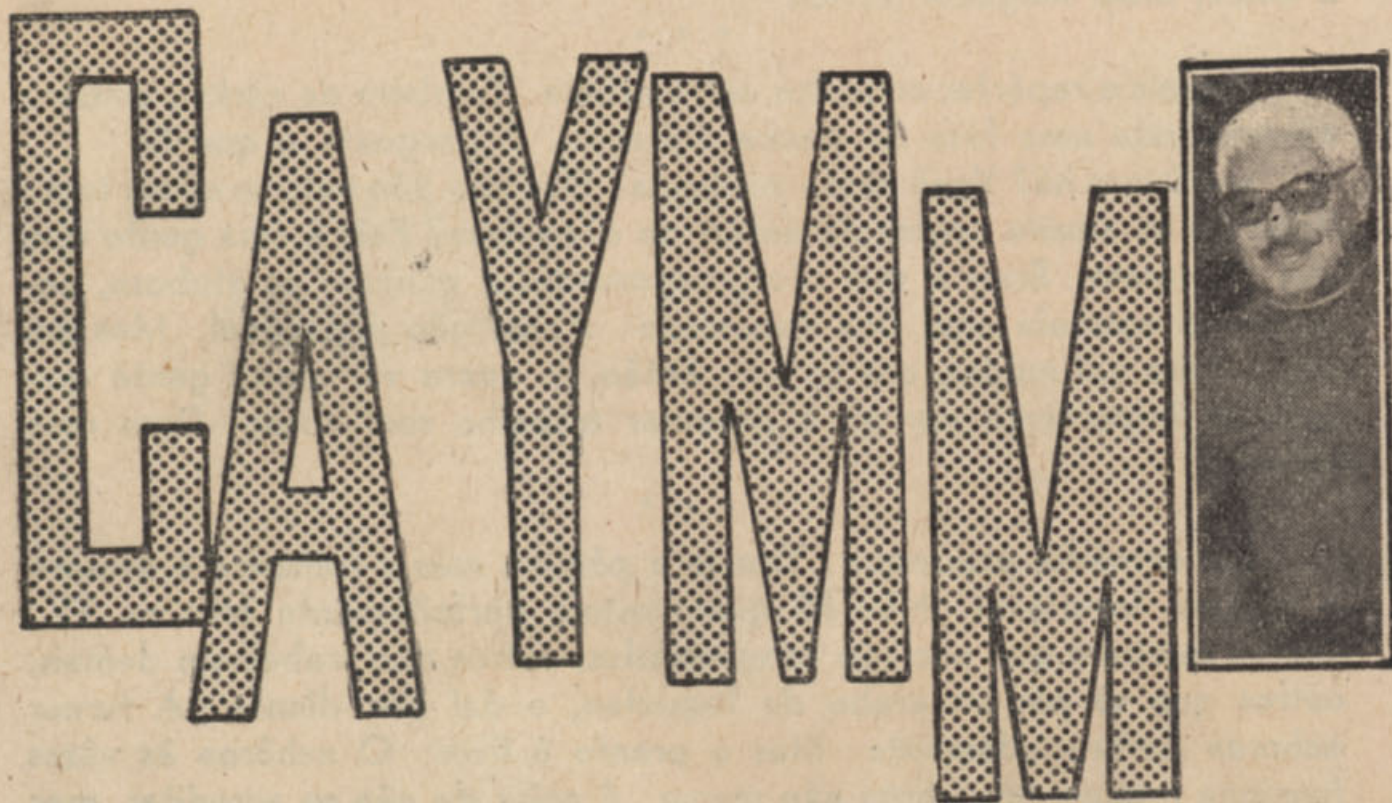
TUDO DA TV PARA VOCÊ

ANILZA LEONI

QUEM  
ME  
QUER?



**D**ORIVAL CAYMMI, que é não só um veteraníssimo, como um dos nomes mais brasileiros da nossa música popular, vem de ser apontado como um dos líderes (ao lado de Vinícius de Moraes) de um movimento que estaria visando a impedir a contratação de artistas estrangeiros para atuações no Brasil. A campanha encontraria justificação no fato de que êsses artistas, via de regra, vêm ganhando polpudos salários, em detrimento dos artistas nacionais. Procurado pela reportagem, Caymmi confirmou a posição, mas não a função:



## ESTÁ ZANGADO

— Em princípio, sou contra êsses contratos fabulosos, em que nem sequer se apura, devidamente, a qualidade artística dos contratados. E outra não poderia ser a minha posição, identificado, como estou, com a primeira linha dos artistas nacionais — que hoje, como sempre, lutam com dificuldades de toda sorte. Mas, a notícia é um pouco exagerada quando afirma que existe, já um movimento organizado, e que eu seria um de seus líderes.

Segundo Caymmi, tudo teria surgido a propósito da contratação de Chubby Checker, apontado como o "rei do twist", e de contatos rotineiros que o autor de "Maracangalha" tem mantido com Vinícius.

— Evidentemente, diz Caymmi, o assunto artista estrangeiro x artista nacional está sempre na pauta das nossas conversas. Tem estado sempre, através de todos estes anos. Não se pode esperar que os artistas brasileiros que recebem salários modestos, que quase sempre são considerados como cantores de orquestra e não cantores de "show", que têm de lutar muito para obter um pequeno aumento de remuneração, de dois em dois anos, assistam impassíveis à aplicação de verbas imensas para contratação — com o dólar a 700 cruzeiros e mais — de um cartaz estrangeiro. Sou dos que pensam que a "prata da casa" está sendo malbaratada e — que merece não apenas melhor recompensa, como melhor aproveitamento.

Caymmi esclarece que não apresenta reivindicações pessoais. Que a sua posição tem sido quase a de privilégio — e recorda que, ao tempo dos cassinos, foi um dos poucos artistas brasileiros que tinham o seu próprio "show". Mas que está solidário com seus colegas. Exemplifica com a fase do bolero — em que qualquer autêntico ou pretense "cartaz" se apresentava no Brasil, pago a peso de ouro, enquanto os artistas nacionais "ficavam chupando o dedo".

— É claro que temos de encarar tudo realisticamente observa Caymmi. Nossa intenção não seria nunca a de "barrear", indiscriminadamente, os artistas estrangeiros que nos procuram ou que desejam atuar no Brasil. Da mesma maneira que a valorização do artista nacional tem de ser feita, antes de tudo, pelo próprio artista. Assim como muitos "cartazes" estrangeiros não passam de aventureiros, assim também muitos artistas nacionais se desmoralizam, fazendo qualquer negócio e vendendo-se por qualquer dinheiro.

Dorival Caymmi diz reconhecer que existe público para o "twist" e conta, divertido, que seu próprio filho caçula interperou-o sobre a posição do cantor: "Papai, o senhor é contra o "twist"? E aproveitou para esclarecer:

— Não sou contra o "twist" nem contra os artistas estrangeiros. Sou a favor do artista nacional — e, nesse ponto, estou certo de que não só Vinícius como todos os outros autores e intérpretes nacionais estão de pleno acôrdo. Temos todos uma responsabilidade para com o nosso trabalho, o nosso passado e, sobretudo, o nosso patrimônio musical. Na verdade, não sou líder de movimento algum — apenas porque esse movimento ainda não existe. Mas participarei, com entusiasmo, de qualquer movimento que vise à defesa do autor, do intérprete e, portanto, da música brasileira.